



**Consumindo bens religiosos semelhantes:  
uma análise do consumo religioso em Paróquias de Campina Grande -PB**

**Anderson Severino de Oliveira Tavares<sup>1</sup>**

**Introdução**

Testamos o *Paradigma da Semelhança* ao analisar sites de Paróquias e igrejas neopentecostais da cidade de Campina Grande-PB, analisando em que medida o processo de assemelhação entre elementos dos modelos católicos e evangélicos se verifica. Logo após a esse teste empírico no ciberespaço, realizamos entrevistas procurando compreender como fiéis católicos reagem as assemelhações encontradas.

Destacamos que o modelo do mercado religioso adotado como perspectiva teórica neste trabalho foi fundado por Peter Berger (1985), para explicar o campo religioso americano. A este se seguiram outras abordagens em termos de mercado, elaboradas por um grupo de sociólogos americanos – Rodney Stark, George Finke e Laurence Iannaccone (1995) – que reinterpretem o campo fazendo a interface entre a teoria da Escolha Racional e a análise da esfera da religião em termos da oferta de modelos de religiosidade.

Já o *Paradigma da Semelhança* foi formulado por Berger (1985), ao analisar o campo religioso dos Estados Unidos, e constatado por Lemuel Guerra (2000; 2003) nos seus estudos empíricos do campo religioso brasileiro. Esses autores demonstram que ao concorrer pelos mesmos segmentos de mercado, as organizações religiosas procuram imitar os aspectos dos produtos de sucesso no mercado, o que instala o padrão da assemelhação entre os produtos religiosos destinados ao mesmo público, ao mesmo tempo em que procuram uma diferenciação marginal capaz de

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: andersontavares.cs@gmail.com. Trabalho relacionado à pesquisa de mestrado orientada pelo professor Dr. Lemuel Guerra, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

garantir que se mantenha a especificidade de sua identidade religiosa e de evitar a intercambialidade entres as diferentes instituições religiosas.

Assim, o objeto de análise foi um conjunto de paróquias<sup>2</sup> e comunidades vinculadas à diocese de Campina Grande – PB, comparadas com um conjunto de igrejas neopentecostais<sup>3</sup> da mesma cidade, estas selecionadas por serem um segmento considerado como principal concorrente do catolicismo no Brasil. Foram analisados quais produtos religiosos semelhantes são encontrados entre as instituições.

Para essa análise foram considerados retrospectivamente os conteúdos de *sites*, *blogs* e *facebooks* colocados no ar pelas instituições católicas e evangélicas neopentecostais, de outubro de 2012 a setembro de 2013, observando o que as igrejas e seus movimentos internos oferecem, e a partir disso comparar os “produtos” religiosos oferecidos.

Segue-se um panorama geral desses produtos religiosos semelhantes, apresentados num quadro comparativo:

#### QUADRO 1 - COMPARATIVO ENTRE AS INSTITUIÇÕES CATÓLICAS E AS INSTITUIÇÕES NEOPENTECOSTAIS

Instituições Católicas	Instituições Evangélicas
<b>Eventos</b>	
<b>Retiro</b>	<b>Acampamento</b>
Curso de Dinâmica para Líderes	Curso de Líderes
Noite do Hot Dog	Hot Dog's Night
Semana Missionária	Jovens para as Nações
Jovem Exemplo de Cristo (JOVEX)	Super Sábado
Momento da Juventude	Abastecer-se
Semana Nacional da Família	Associação de Casais
Vigília com Sentinelas de Cristo	Vigília JMD (Jovem Mais de Deus)
Encontro dos Namorados	<i>Pit-Stop</i> do Amor
Luau da Pré-Jornada Mundial da Juventude	Luau do Celulão
Formação Matrimonial	Curso de Noivos

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Esses eventos listados no Quadro 1, com exceção da Semana Nacional da Família/Associação de Casais foram oferecidos para o público

<sup>2</sup> Paróquia Nossa Senhora das Graças; Paróquia Sagrado Coração de Jesus; Paróquia Nossa Senhora do Rosário; e Paróquia Nossa Senhora da Conceição (Catedral Diocesana).

<sup>3</sup> Igrejas Verbo da Vida; Igreja Bola de Neve Church; e o grupo de Igrejas Universal do Reino de Deus (IURD).



jovem. De maneira geral, esses eventos semelhantes encontrados abrangem práticas de orações, vigílias, louvores, pregações e testemunhos. A adoção de modelos de atividades de igrejas protestantes pelas paróquias católicas significa o esforço feito pela Igreja Católica para oferecer dentro dela o que os fiéis poderiam eventualmente desejar e encontrar no pentecostalismo evangélico. Os próprios retiros de carnaval e as vigílias de orações, presentes na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, são eventos que durante muito tempo foram associados aos evangélicos em geral, mas agora são encontrados também no campo católico.

Foi observada também uma grande quantidade de shows e eventos religiosos com estilos musicais semelhantes ao da esfera secular. As Paróquias mantêm, em alguns casos, diferenças entre as instituições neopentecostais ao promover eventos com as próprias bandas da esfera secular. Mas, como a Igreja Católica também tem que competir com a não religião e os shows das bandas evangélicas, às quais combinam um estilo de música “mundana” com mensagens religiosas, é uma estratégia de sucesso que já foi destacada por Guerra (2000) e por Dolghie (2004), a Igreja Católica também começou a adotar essa estratégia, como pode ser visto nos eventos das Paróquias analisadas, como o *JOVEX* (caracterizado pela cristoteca), o *Encontro dos Namorados*, o *Momento da Juventude*, a *Noite do Hot Dog* e o *Luau*.

A partir dessas informações, iniciou-se uma segunda etapa dessa pesquisa, a qual temos por objetivo demonstrar nesse trabalho. Focalizamos, especificamente do lado dos católicos, como os fiéis que viveram “modos de ser” igreja anteriores ao atual (Religiosidade Tradicional/Comunidades Eclesiais de Base - CEB) e os fiéis que já nasceram inseridos nesse novo “modo de ser” – modelo da Renovação Carismática Católica (RCC), que segundo Guerra (2003) introduziu nas suas práticas elementos anteriormente associados aos evangélicos) - usam, consomem, os produtos religiosos similares aos oferecidos em modelos de religiosidade tradicionalmente definidos como dos *evangélicos*.



Dessa forma, o objetivo dessa etapa foi verificar se e como os fiéis católicos, a partir de sua idade, das Paróquias da Diocese de Campina Grande, vêm consumindo os produtos religiosos semelhantes aos oferecidos em outros modelos de religiosidade. A partir disso, interpretamos as *leituras* que os fiéis católicos fizeram dos produtos semelhantes.

O levantamento de dados sobre as reações e experiências de consumo religioso dos fiéis católicos à/da assemelhação observada foi realizado durante o primeiro semestre de 2014, a partir da realização de entrevistas com uma amostra não aleatória de fiéis das paróquias católicas da Diocese de Campina Grande que tiveram seus *sítes* analisados.

Nessa segunda etapa da coleta de dados, foram realizadas 48 entrevistas, 12 em cada Paróquia selecionada, sendo 6 com os fiéis que “experimentaram” dos dois modos de ser igreja e 6 com os fiéis que estão inseridos apenas no modo atual de ser igreja. Adotando um critério de sistematicidade prática foi abordado sempre o(a) quarto(a) fiel que chegou na missa a partir do momento que iniciamos a contagem.

Assim, foram incluídos na amostra os fiéis que tiveram faixa etária entre 14 e 25 anos, isto é, jovens católicos, por considerarmos que os sujeitos com essa faixa etária nasceram inseridos nesse “modo de ser” assemelhado, já que o sucesso da RCC, movimento em que se intensificou o processo de assemelhação nas configurações do catolicismo brasileiro, começou nos anos 90; e foram incluídos sujeitos a partir de 50 anos por julgarmos que os fiéis a partir dessa idade, por um tempo, estavam inseridos apenas no modelo paroquial tradicional e/ou progressista com sua proposta das CEBs, que foi privilegiada nas décadas de 60 e 70 (GUERRA, 2003).

Listamos as atividades que estão expostas no Quadro 1 e indagamos aos fiéis se já participaram ou não. A partir disso, os fiéis entrevistados foram convidados a responder oralmente algumas perguntas, das quais selecionamos duas para esse trabalho: (1) *Há diferença entre esse(s) evento(s) na Igreja Católica e na(s) igreja(s) evangélica(s)?* (2) *Há diferenças entre a música católica e a música evangélica?* Esses questionamentos foram elaborados com a pretensão de verificar as leituras dos sujeitos que



*utilizaram* dos produtos na Igreja Católica e na igreja evangélica, isto é, se do ponto de vista do consumidor que utilizou dos dois produtos, considerou estes como semelhantes.

## 1. O consumo dos produtos semelhantes

Das atividades que estão listadas no Quadro 1, constatamos apenas que 5 fiéis do grupo dos mais jovens e 2 fiéis do grupo dos acima de 50 anos, participaram de atividades semelhantes na igreja evangélica. Ao indagar sobre as diferenças e semelhanças dos eventos católicos e evangélicos, queremos compreender se os produtos semelhantes oferecidos no mercado local pela Igreja Católica e as igrejas evangélicas, são consumidos de formas semelhantes ou distintas.

Iniciando pelo grupo entre 14 e 25 anos, temos Samuel (20 anos) da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, foi um dos que relatou já participar, ele que frequentou os *Shows de Bandas* católicas e evangélicas e os diferenciou da seguinte forma:

A diferença é que, tipo, você vai para um show de igreja católica, lá você encontra, querendo ou não, você encontra alguns irmão da sua religião, você encontra irmãos espíritas, você encontra irmão até protestantes mesmo, evangélicos, no caso. E já em uma igreja evangélica é um pouco mais complicado. Uma repressão. Então você tem que apenas se misturar e ser ali mais um protestante naquela festa. Também há coisas de aceitação à Cristo. Em alguns momentos lá do show, tal, houve algumas “quem quer aceitar Cristo?”, tal, e isso acaba repreendendo a galera, sabe? É como se estivesse forçando você a querer ser protestante. Ai fica estranho. Já no catolicismo não, você vai, se liberta, não tem isso, apenas louvor e adoração. Apenas isso.

Percebemos que o consumo não foi realizado da mesma forma, já que Samuel relata que nesses tipos de eventos na Igreja Católica, em que se encontra um público de católicos e não católicos, não se verifica tentativas explícitas de conversão, deixando os sujeitos *livres para adorar e louvar*. Se tratando dos shows evangélicos, ele relata que os católicos não são tão bem aceitos pelos demais consumidores evangélicos ao se identificarem como católicos, e da parte dos produtores/cantores existe um forte apelo à conversão, o que acaba transformando a ocasião em um momento de



pressão, produzindo certo mal estar naquele lugar, já que está ali apenas para consumir/utilizar daquele produto (*Show gospel*).

Ao relatar sobre se há diferença entre a música gospel e a católica Samuel complementa:

Não. Na música não há muita diferença... Há em algumas atitudes desses artistas. Ai há. Uns gostam mais de, digamos, se expor, outros são mais tímidos, outros são mais [...] Como é o caso do Padre Fábio de Melo, ali... Você é padre, você tem que ter respeito a todas as religiões... Porque muita gente gosta de padre Fábio de Melo, a gente sabe que gosta tanto católicos quanto protestantes. Então, tem que ter respeito. Já os evangélicos não. Há um respeito, mas não é um respeito mútuo, sabe? Tipo assim, “os que vêm é porque é protestante ou quer ser”. É só a turma aqui. Ai tem uma galera que prefere ficar de fora.

Para Certeau (1998), deve ser analisado o que se usa e as maneiras pelas quais se usa o produto. Nisso, constata-se na leitura de Samuel, que não há diferença nas músicas, mas o consumo é diferenciado pela maneira como se comporta o público e o artista evangélicos. Então, nesse ambiente que de certo modo lhe incomoda, Samuel narra suas *astúcias* de consumidor, já que em alguns momentos oportunos participa dos shows gospel promovidos pelos evangélicos, mas exercita um certo distanciamento que o torna capaz de perceber como as coisas estão *funcionando*. E é isso que faz Samuel, ao identificar como cada artista se comporta, com o público protestante se comporta em relação aos católicos, e como se deve agir (*tática*) num ambiente que tem essas combinações: “Então você tem que apenas se misturar e ser ali mais um protestante naquela festa”.

Camila (22 anos), da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, que foi para o *Luau* e o *Cristo Indoor* em igrejas evangélicas, relatou que no luau da Igreja Católica as músicas eram mais calmas do que no da evangélica, enquanto considerou a balada católica (*Cristoteca*) *mais agitada*.

Margarida (21 anos), da Catedral Diocesana, foi para *Retiros de Carnaval* em igrejas evangélicas e católica, Roberta (21 anos), da Catedral Diocesana, foi para o *Encontro de Jovens com Cristo* também nas duas religiões. Igualmente fez Silvana (21 anos), da Paróquia Nossa Senhora da Graças, quando foi em instituições católicas e evangélicas, mas para *Encontros de Louvor e Oração*. As respostas das três jovens foram distintas, pois Margarida relatou que em alguns pontos há diferença, Roberta expôs



que não há diferença e Silvana afirmou haver diferença. As três coincidiram em sentir falta na igreja evangélica do *culto/adoração a Maria*. Silvana complementando respondeu que também *não falam dos santos* e que, além disso, há mais cobranças nas vestimentas, principalmente no que se trata do *comprimento de saias e shorts*.

Assim, mesmo inicialmente com respostas distintas e se tratando de eventos distintos, as respostas seguiram-se semelhantes no que se trata da ausência do culto à Maria nas igrejas evangélicas. Então, as entrevistadas consumiram/utilizaram os produtos oferecidos como assemelhados nas diferentes instituições, mas logo destacando a falta de um certo elemento presente na Igreja Católica, como marca diferencial, o culto a Maria. Como afirma Berger (1985), a tendência à assemelhação dos produtos provocada pela concorrência pelos mesmos públicos não pode prescindir da diferenciação marginal, sob pena de tornar os produtos perfeitamente intercambiáveis e possibilitar o trânsito religioso totalmente liberado.

Já em relação às duas entrevistadas do grupo dos acima de 50 anos, encontramos Joana (64 anos) da Paroquia Nossa Senhora das Graças, e a Francisca, da Catedral Diocesana. Segundo o relato da primeira, não há grande diferença entre o *Encontro de Oração* e o *Encontro de Mulheres* da igreja evangélica e católica, mas mencionou que se interessa mais pela Igreja Católica porque a *ama*. Já no que se refere à igreja evangélica demonstrou que só foi para esses eventos pelo incentivo de amigos, sendo que na resposta de Joana encontramos o mesmo mal estar que relatou Samuel em relação aos shows gospel de que participou:

Eu acho assim, lá o pessoal incentiva a gente a ficar, fica chamando a gente, entendeu? Forçando, praticamente forçando a gente querer ficar. Tem que estar levantando a mão, levantando o dedo pra divulgar quem está de visita ali. E a gente fica um pouco constrangida, não é? E a igreja católica a gente vem mais à vontade, você fica à vontade.

Joana se desagradou do produto da igreja evangélica porque ela estava ali apenas para consumir/utilizar daquele produto, sem querer, como Samuel, se filiar ao modelo evangélico de religião. A insistência para ficarem e os apelos para ela levantar o dedo (indicando que era *visitante*), configuram



as práticas dessas igrejas, a de identificar o não evangélico e apelar para sua *conversão*.

Francisca que não se importa com o oferecimento das novas atividades dentro da Igreja Católica, disse não gostar destas. Mas isso foi porque ela utilizou primeiramente dos produtos (*Vigília, Encontro de Oração e Louvor*) em igrejas evangélicas, quando se filiou a esse modelo, e lá não encontrou o culto a Nossa Senhora:

Pela ausência do culto à Maria nos eventos que Francisca foi em igrejas evangélicas, não participa/utiliza mais desses eventos, nem na igreja evangélica. É por isso que Francisca mostra uma resistência, no que se trata de uma não participação desses eventos, e tenta convencer os filhos a voltarem para Igreja Católica e seu modelo mais tradicional:

Aí eu vim para aqui [Catedral Diocesana], e estou bem. Estou me sentindo bem, estou puxando o povo pra vir [seus filhos], o pessoal do crente, lá. Só tem um que é católico, que mora em Recife.

Francisca não utiliza mais dos produtos semelhantes, mas narra as diferentes formas de *utiliza-los*, pois na Igreja Católica o louvor foi realizado tranquilamente, enquanto nas igrejas evangélicas houve uma maior agitação, já que os sujeitos “*pulavam muito, gritavam muito*”.

De acordo com os relatos que registramos, quando indagamos se há diferença entre os eventos que os sete sujeitos frequentaram na Igreja Católica e em igrejas evangélicas, percebemos que do ponto de vista do consumidor, os produtos não são tão distintos, mas a forma de utilizar os produtos na Igreja Católica foi marcante para os consumidores entrevistados, principalmente pela presença do *culto a Maria*. Assim, a ausência do culto a Maria (para três sujeitos do grupo entre 14 e 25 anos e para um do grupo dos acima de 50 anos) e as tentativas de conversão realizadas pelos “crentes” (para um sujeito do grupo dos acima de 50 anos e um sujeito do grupo entre 14 e 25 anos) foi a marca de distinção dos eventos evangélicos.

Já quando os sujeitos entre 14 e 25 anos foram questionados sobre se há diferença entre as músicas evangélicas e a católica, compomos os seguintes grupos com as respostas desses sujeitos:

**TABELA 3 – OPINIÃO SOBRE DIFERENÇAS ENTRE AS MÚSICAS CATÓLICAS E AS EVANGÉLICAS – GRUPO DOS CATÓLICOS DE 14 A 25 ANOS**

<b>CATEGORIA</b>	<b>FREQUÊNCIA ABSOLUTA</b>
a) Grupos dos sujeitos que afirmaram haver diferença;	04
b) Grupo dos sujeitos que afirmaram não haver diferença;	07
c) Grupos dos sujeitos que mencionaram como diferença o louvor à Maria e/ou aos santos e a Igreja Católica;	08
d) Grupo dos sujeitos que mencionaram como diferença o ritmo mais agitado e o tom de voz alto dos evangélicos.	05
<b>Total de entrevistados</b>	<b>24</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Enquanto 4 sujeitos do grupo “a” afirmaram haver diferença, sem quererem/saberem justificar suas respostas, 7 sujeitos do grupo “b” afirmaram não haver diferença, mas também sem quererem/saberem justificar suas respostas.

No grupo “c” se encaixam os 8 sujeitos que responderam que o elemento de diferenciação é o louvor à Maria, mas 2 desses sujeitos incluíram o louvor aos santos e 1 à própria Igreja Católica. Marcelo é um desses sujeitos que afirmaram que as músicas católicas se diferenciam pelo louvor à Maria:

Não. A única diferença. Não. Praticamente não tem diferença. É porque o que eles deixam de tratar nas músicas evangélicas é a questão somente de Maria. Não tem música mariana, está entendendo? E o catolicismo, tem. Maria, em relação à música, bacana. Eu vou ser bem sincero, eu gosto, eu escuto, e acho muito bonita, está entendendo? Tem muita música considerada gospel que a letra, a canção é bacana demais.

Marcelo, assim como Cecília (16 anos) levanta a questão das músicas Marianas da Igreja Católica, mas também levantam outra questão importante e que apontaremos: mesmo muitos dos sujeitos entrevistados nunca tendo ido a *show gospel* e cultos evangélicos, eles têm conhecimento das músicas, já que muitos cantores/bandas gospel fazem sucesso dentro e fora do espaço da igreja, e por isso há um alto investimento das gravadoras e rádios

(DOLGUIE, 2007), que fazem as músicas serem veiculadas também dentro das casas dos não evangélicos.

No que se refere ao grupo “d”, estão os 5 sujeitos que mencionaram que as músicas evangélicas são mais agitadas e o tom de voz dos cantores são mais altos, este último aspecto foi classificado como *gritos* para alguns desses entrevistados:

Algumas sim... Na questão de alguns exageros [...] A questão de tom de voz, de falar alto. Tem alguns gospel que eu não gosto, mas a maioria eu gosto. Só essa diferença... Como falar, questão de grito, tal, eu não gosto.

Nesse relato de Rita (19 anos) da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, percebemos que, por mais que ela goste da música gospel, a questão dos gritos de alguns dos cantores desse gênero musical lhe incomoda, o que aponta para uma preferência pelas músicas mais calmas.

Para os entrevistados desse grupo as músicas católicas são mais calmas que as músicas evangélicas. Sendo esse o motivo que Rita complementa o seu relato afirmando: *Mas a missa é mais calma que o culto.*

Partindo para o grupo dos sujeitos acima de 50 anos, ao serem questionados se há diferença entre as músicas católicas e evangélicas, os seguintes grupos foram compostos:

**TABELA 5 – OPINIÃO SOBRE DIFERENÇAS ENTRE AS MÚSICAS CATÓLICAS E AS EVANGÉLICAS - GRUPO DOS CATÓLICOS ACIMA DE 50 ANOS**

<b>CATEGORIA</b>	<b>FREQUÊNCIA ABSOLUTA</b>
a) Grupo dos sujeitos que apenas afirmaram não haver diferença;	04
b) Grupo dos sujeitos que mencionaram como diferencial o louvor à Maria;	03
c) Grupo dos sujeitos que afirmaram haver diferença porque as músicas católicas são mais animadas/profundas/fortes;	05
d) Grupo dos sujeitos que mencionaram como diferença as músicas calmas da católica, sendo que as músicas evangélicas, que são mais fortes, são cantadas na católica;	02
e) Grupos dos sujeitos que mencionaram não haver diferença porque na Igreja Católica e nas igrejas evangélicas catam/imitam as	10

**músicas umas as das outras;**

**Total de entrevistados**

**24**

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

O grupo “a” é dos 4 sujeitos que relataram não haver diferença, sem quererem/saberem justificar a resposta, e o grupo “b” é dos 3 sujeitos que apontaram o louvor à Maria como elemento diferente na Igreja Católica. Esses dois grupos são semelhantes aos grupos dos sujeitos entre 14 e 25 anos.

O grupo “c” é dos 5 sujeitos que consideraram as músicas católicas mais animadas do que as evangélicas, em que 2 desses sujeitos afirmaram que as músicas da instituição católica carregam mensagens mais profundas e fortes. O grupo “d”, com 2 sujeitos, se apresenta oposto ao “c” quando os sujeitos afirmam que as músicas evangélicas são mais fortes. No entanto, o que as entrevistadas demonstraram é que o *forte* se trata mais de ritmo já que as músicas católicas são mais calmas.

Uma dessas entrevistadas foi Simone (58 anos), da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, que expôs não ir para as atividades listadas porque não gostava de baladas, nem dessas bandas de rock cristão – mas que seu filho gostava – isso por gostar de músicas calmas como as de Padre Zezinho. Dessa forma, ao responder essa pergunta Simone comenta que há diferença:

Há. Porque, o seguinte, as músicas católicas... Desde que eu me entendi... que eu nasci, que eu fui crescendo aqui dentro, e a gente vai se acostumando com nossos hinos, como Padre Zezinho... está entendendo? [...] Padre Zezinho, esse padre agora, Fábio de Melo, eu gosto.

Para Simone, essas músicas mais agitadas como o rock cristão são músicas evangélicas que são tocadas dentro do espaço católico:

Eu vou dizer a verdade à você, tem música evangélica que é cantada dentro da igreja católica [...] Tem música evangélica que a gente também vê aqui.

No grupo “e” estão inseridos 10 sujeitos que deram respostas aproximadas do que Simone relatou, mas ao contrário de Simone esses sujeitos não consideraram as músicas católicas como calmas e as evangélicas como agitadas. Assim, os sujeitos desse grupo relataram que não há diferença já que há um conjunto de músicas *importadas* pela igreja



católica do campo das evangélicas. Isto apareceu para 4 desses sujeitos, a exemplo do abaixo citado:

...Eu acho quase igual, idêntico, hoje... Antigamente era mais difícil. A gente vê o ensino, assim, católico era completamente diferente dos protestantes. Mas, hoje, está quase se igualando. Pelo menos hoje mesmo, eu assistindo a missa... padre Marcelo Rossi... ele estava cantando um hino que é aquele... que é um cantor que canta música evangélica, que é aquele Lázaro que estava cantando [...]Eu achei assim, que nós estamos quase, em alguns pontos, copiando as igrejas evangélicas.

Otávio (56 anos), da Catedral Diocesana, demonstra que as músicas católicas, assim como o ensino religioso católico, estão se tornando idênticos ao evangélico, e isso está deixando-o descontente, inclusive por conta dos padres *popstars*, como Marcelo Rossi – reconhecido pela sua exposição no circuito midiático que favoreceu uma produção da *personalidade-celebridade* caracterizada pela sua *performance* e pela transmissão de seus *showmissas* (CARRANZA, 2011, p.76) – que estão cantando as músicas evangélicas na própria missa.

Assim, mesmo que Otávio goste das músicas, o fato da Igreja Católica está “*copiando as igrejas evangélicas*”, não lhe agrada, por isso ele continua:

Os hinos. Já tem muitos que a gente está copiando. E nós somos católicos apostólicos romanos, a gente não pode copiar eles não. A gente é católico, que é universal, apostólico, que é dos apóstolos, e romano porque vem de Roma. Então a gente não pode copiar eles. E eles, não sei de onde vêm. Só Deus que sabe. Veio de Lutero...

Neide (50 anos), da Sagrado Coração de Jesus, também expõe que não gosta dos shows dos padres, não tanto pelo ritmo que ela está se acostumando aos poucos, mas porque eles *buscam dinheiro e fama*. Já Antônio (73 anos), da Paróquia Nossa Senhora das Graças, também demonstra certo desconforto com as mudanças que ocorreram na Igreja Católica, sobretudo em relação à gestualidade que acompanha as novas músicas agora cantadas e tocadas na IC:

Porque eu acho que a música católica era pra ser mais simples, né? E o povo fica dançando, não sei o que, se remexendo tudo ali... Eu acho que não é muito... Não pega muito bem não [...] Porque é o seguinte, esse pessoal mais assim, é difícil eles respeitar essas coisas, não é? O negócio era muito simples, muito mais diferente de hoje. Hoje acaba chegando em uma igreja, um monte de gente dançando, se remexendo, lá vai [...] Não tem muita diferença uma da outra não, porque na igreja faz isso, na outra também faz a mesma coisa... né?



Antônio relata que no espaço da igreja hoje, em que não se tem mais a simplicidade de antigamente, as pessoas ficam se “remexendo”, o que para ele é uma atitude desrespeitosa com a igreja. Para outra parte dos católicos isso é visto como um atrativo. Segundo Carranza (2011) e Mendonça (2014), um dos motivos pelos quais o Pe. Marcelo Rossi se tornou uma celebridade foi justamente por conta da *aeróbica de Jesus*, apresentado nas TVs brasileiras, isto é, do “remelexo” exposto por Antônio como algo negativo.

Nas falas de Otavio, Neide e Antônio, percebemos que o produto música se transformou, assim como os seus *usos*, todos apontando para a assemelhação.

A atitude de Otavio e Antônio foi de aversão a essas transformações ocorridas na Igreja Católica. Mas nem todos os sujeitos que afirmaram que as músicas veiculadas nas duas instituições são parecidas/copiadas, demonstraram descontentamento, pelo contrário, Margarida (50 anos) considerou todas *lindas*.

Da mesma forma que os sujeitos que consumiram eventos semelhantes nas diferentes instituições religiosas relataram que o diferencial desses eventos na Igreja Católica é o culto a Maria, muitos sujeitos (8 sujeitos do grupo etário entre 14 e 25 anos e 3 sujeitos dos acima de 50 anos) afirmaram que o diferencial entre as músicas católicas e evangélicas também são os louvores a Maria presentes na católica.

Ao analisar as assemelhações nos sites das instituições católicas, percebemos como as Paróquias estão introduzindo elementos tradicionais (como o culto aos santos, à Maria, além do Santíssimo Sacramento) nos eventos assemelhados. Esses elementos tradicionais são os mesmos que aparecem nas falas dos sujeitos destacados. Seguindo a interpretação de Berger (1985) e de Guerra (2003), sobre o papel da diferenciação marginal nos processos de assemelhação associada à competição pelos mesmos segmentos de mercado, as instituições procuram estabelecer diferenças marginais para evitar a intercambialidade perfeita. Para assegurar as identidades, a introdução de elementos tradicionais – como o culto a Maria e aos *santos* - nos eventos assemelhados parece ser importante para a Igreja



Católica, já que os indivíduos podem manter suas identidades e se definirem com base nesses elementos frente a outros grupos, o que evita o risco de trânsito livre. Nas falas é esse elemento que foi citado por vários dos sujeitos entrevistados para se distinguirem, respaldando a defesa de sua identidade em contraposição às dos evangélicos.

Também a diferenciação foi feita em termos da alusão a elementos da linguagem e expressão musical dos intérpretes. Alguns sujeitos relataram ser diferente a música católica e evangélica pelo timbre de voz e ritmos usados pelos cantores evangélicos. Podemos interpretar esse fenômeno através de um olhar sob a formação religiosa dos cantores católicos e evangélicos no cenário atual da música religiosa no Brasil.

Muitos dos cantores católicos de destaque são padres, estes que passaram por seminários, instituições fechadas criadas pela Igreja Católica que objetiva formar padres para manter seus quadros hierárquicos. Os seminários são lugares monitorados pelo reitor e equipe de formação, autoridade hierárquica episcopal, em que “as práticas e técnicas pedagógicas formativas implementam procedimentos microfísicos disciplinares: enclaustramento, observação do comportamento, controle, vigilância, exame, normalização” (BENELLI, 2007, p. 22). Durante o processo de formação, segundo Benelli, a regra é a do silêncio, isto é, devem ser obedientes e submissos.

Essas práticas visam disciplinar, uniformizar e normalizar os sacerdotes, que, sobretudo, se atêm a um controle físico-mental o qual inclui o controle da voz. Assim, as missas com rigidez no ritual e com as vozes tranquilas e rígidas dos vigários, podem ser associadas com as vozes dos padres cantores católicos, como por exemplo o Padre Zezinho, o padre Fábio de Melo.

Os evangélicos neopentecostais são conhecidos por suas pregações fortes e emotivas, baseadas na teologia da prosperidade, segundo a qual os fiéis enfrentam diuturnamente *batalhas espirituais*, nas quais não se pode ser contidos, calmos, tranquilos. Assim, os neopentecostais – diferentemente dos primeiros protestantes brasileiros que recusaram o estilo musical brasileiro e



católico da época, adotando um estilo anglo-saxão (MENDONÇA, 2014) – abraçaram o *gospel* e introduziram o “êxtase glossolálico, a prosperidade pessoal e a guerra espiritual que são adotados como bandeiras da teologia *gospel*” (MENDONÇA, 2014, p. 62).

Dessa forma, os aspectos emocionais que são expressos nos cultos neopentecostais também são enfatizados nos *shows gospel*. Nestes os cantores *falam em línguas*, enfatizam a cura, o milagre, a reivindicação da prosperidade, a qual é feita com firmeza, ao mesmo tempo em que expressam suas qualidades de guerreiros que enfrentam *principados e potestades*, o que pode explicar volumes e estilos vocais mencionados como *gritos* nas falas dos entrevistados católicos. Exemplos desse tipo de performance *gospel* são Aline Barros, Ana Paula e André Valadão.

Salientamos que esse fato pode ser considerado mais como uma concepção encontrada no grupo pesquisado, já que podemos encontrar no espaço católico músicas e cantores que apresentam estilo semelhantes aos dos cantores evangélicos citados.

### **Considerações finais**

As paróquias analisadas, em termos gerais estão adotando modelos de atividades de igrejas protestantes, como resultado do esforço feito de oferecer na IC o que os fiéis poderiam encontrar antes somente no pentecostalismo evangélico. Também foi possível observar que estas estão passando pelo processo denominado de *inculturação*, que segundo Souza (2001) é a incorporação de elementos profanos pelos modelos de religiosidade como estratégias de concorrência com a *não-religião*.

Como previsto por Guerra (2000; 2003) estamos assistindo a uma gradual quebra do *Paradigma da Oposição*, substituído pelo *Paradigma da Semelhança*. A adoção desse paradigma não põe fim nas práticas tradicionais e exclusivistas exercitadas pela Igreja Católica. Nos eventos semelhantes destacados, eles são reforçados, contribuindo para manter uma diferenciação marginal (BERGER, 1985), capaz de garantir a especificidade da identidade católica, evitando a liberação completa do trânsito religiosos.



Sobre os modos de consumir o atual modelo assemelhado de catolicismo, dentre os fiéis entrevistados, os mais jovens demonstram mais adaptabilidade a esse novo *modo de ser* da Igreja Católica, isso porque esse modo não lhes é estranho, haja visto que estes já nasceram nele inseridos. Além disso, porque a instituição católica procurou imitar as características de eventos musicais seculares, com as quais os jovens estavam adaptados na esfera não-religiosa, tornando-os eventos de divertimento.

Em relação aos sujeitos acima de 50 anos, observamos uma forte contestação quando indagados sobre a assemelhação da música católica em relação à evangélica, experimentada pela maioria dos entrevistados, já que escutam e assistem à missa, programas católicos e evangélicos e programas seculares em que os artistas religiosos se apresentam. Alguns dos sujeitos demonstraram com propriedade, aversão a esse processo de assemelhação entre católicos e evangélicos.

A análise dos *sites* indicou a assemelhação entre produtos oferecidos pelas igrejas evangélicas e pela IC. Nas entrevistas com fiéis católicos, tanto os mais jovens quanto os mais velhos, também apareceu uma percepção da assemelhação ao mesmo tempo em que afirmaram a diferenciação marginal representada pelo culto a Maria e aos *Santos*, elementos que funcionam como asseguradores da identidade católica.

Esse nosso estudo também demonstrou que mesmo a análise objetiva, inspirada nos pressupostos do *Paradigma da Semelhança* demonstrando que os bens religiosos lançados no mercado pelos produtores de religião na atual situação de mercado se assemelham, os produtores da produção analisada podem construir uma concepção de que são diferentes, citando por exemplo, o culto a diferenciação marginal representada no culto a Maria e aos Santos como elementos que os tornam diferentes.

## REFERÊNCIAS

BENELLI, S. J. Análise Institucional de um Seminário Católico e da Formação Sacerdotal. *Revista de Psicologia da UNESP*. V. 6, N. 1, p.13-30, 2007.



**BERGER, P. L. O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.**

**CARRANZA, B. Catolicismo Midiático. In: TEIXEIRA, F. MENEZES, R. (org.) As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p.69-87, 2011.**

**CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes. 1998.**

**DOLGHIE, J. Z. A Igreja Renascer em Cristo e a Consolidação do Mercado de Música Gospel no Brasil: uma análise das estratégias de marketing. Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, N. 6, P. 201-220, 2004.**

**DOLGHIE, J. Z. Por uma Sociologia da Produção e Reprodução Musical do Presbiterianismo Brasileiro: a tendência gospel e sua influência no culto. 356 p. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2007.**

**GUERRA, L. D. Paradigma da Semelhança: uma tentativa de interpretação da conjuntura recente do campo simbólico religioso no Brasil. In: Ariús: Revista do Centro de Humanidades do Campus II. Campina Grande. N° 9, p. 65-74. 2000.**

**GUERRA, L. D. Mercado Religioso no Brasil: competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião. João Pessoa: Idéia. 2003.**

**MENDONÇA, H. C. O catolicismo midiático: a evangelização do padre Fábio Melo. Dissertação apresentada ao Mestrado em Sociologia da UFSE, digitada, 2013. Disponível no link: [http://bdtd.ufs.br/tde\\_busca/arquivo.php?cod\\_Arquivo=1410](http://bdtd.ufs.br/tde_busca/arquivo.php?cod_Arquivo=1410). Acesso em julho de 2014.**

**MENDONÇA, J. Música e Religião na Era do Pop. Curitiba: Appris, 2014.**

**STARK, R.; FINKE, R.; IANNACCONE, L. R. Pluralism and Piety: England and Wales, 1851. Journal for the Scientific Study of Religion. V. 34, N. 4, p. 431-444, 1995.**